

O GUARANI, DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA HISTÓRIA DE AMOR E A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO

THE GUARANI FROM JOSÉ DE ALENCAR: A LOVE STORY AND THE NATION-BUILDING

M. Teresa Bueno S. G. Schoen¹

Resumo:

O Guarani: Romance Brasileiro, de José de Alencar, foi escrito em 1857 e publicado em capítulos no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, entre fevereiro a abril desse ano. É um dos livros brasileiros mais famosos e mais lidos de todos os tempos e inspirou uma ópera, um filme e um seriado de TV. Este artigo mostra como o romance trata do nascimento de “uma nação” através de uma história de amor com elementos dos romances de cavalaria e de aventura. Alencar quis criar um romance de formação de uma língua e de uma nação brasileiras a partir de sua visão da natureza, dos índios do Brasil e dos nobres portugueses como elementos formadores. Fica a pergunta: Peri foi um herói brasileiro?

Palavras-chave: romantismo, indigenismo, construção da nação.

Abstract:

The Brazilian novel *The Guarani*: Brazilian Novel, written in 1857 by José de Alencar, is one of the most famous and most read Brazilian books of all time. It turned into opera, cinema and soap opera. In this article it will be showed how Alencar treated the birth and the building of “a nation” through a love story. Therefore the author used elements of romances of chivalry and adventure. Alencar wanted to create a romance of a formation of a Brazilian language and nation; for that idea he used his vision of nature, the Indians and the noble Portuguese as founding elements of Brazil. I let open a question: was Peri, a Brazilian hero?

Keywords: romantism, indigenism, building of the nation.

¹ Doutoranda do Instituto de Estudos Latino Americanos da Freie Universität de Berlin. E-mail: tebueno@zedat.fu-berlin.de

O Guarani: Romance Brasileiro, de José de Alencar (1829-1877), foi publicado, em capítulos diários, de fevereiro a abril de 1857, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*. A ideia de escrever esse romance surgiu das “Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos”, publicadas no mesmo jornal entre junho e agosto de 1856, nas quais Alencar critica o livro *Confederação dos Tamoyos*, de Gonçalves de Magalhães.

Magalhães pretendia, com esse livro, fundar uma literatura nacional nos moldes do Romantismo europeu, usando a figura do índio, representado, desde as primeiras cartas dos cronistas, como o habitante natural da terra. O Romantismo no Brasil estava intimamente ligado ao processo de Independência. O imperador Pedro II, de quem Alencar era inimigo político, ficou tão encantado com o livro de Magalhães que pagou do próprio bolso a confecção de uma edição de luxo. Entretanto, *Confederação dos Tamoyos* teve pouca ressonância junto ao público.

O Guarani foi o primeiro sucesso indianista² de

² O próprio Alencar não se via como indianista. O termo foi usado pela primeira vez por Silvío Romero em 1888 (SCHWAMBORN, 1987 p. 477). Significa: ocupar-se com o índio e com a natureza brasileira para descobrir sua identidade pessoal como artista, ter o distanciamento linguístico em relação a Portugal e assim tomar consciência das particularidades nacionais e, por último, pôr em relevo a independência do continente americano.

Alencar. Desde sua publicação no *Diário do Rio de Janeiro*, o romance tornou-se popular, como reporta Alfredo d'Escragnoille Taunay em seu livro *Reminiscências*, de 1908:

Estilo e composição desse romance de aventura eram tão envolventes e emocionantes, que os leitores do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente os estudantes e os ‘círculos femininos da sociedade fina’, aguardavam ansiosamente o próximo capítulo deste primeiro romance brasileiro (TAUNAY apud SCHWAMBORN, 1987, p. 9-10).

O livro inspirou a ópera de mesmo nome de Carlos Gomes, encenada pela primeira vez no Teatro Scalla de Milão, em 1870. Mais recentemente, serviu de argumento para roteiros de um filme e de um seriado de televisão. E Peri, o herói do livro, deu nome a uma rua do bairro do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e virou personagem da marchinha de carnaval *História do Brasil*, de Lamartine Babo, sucesso em todos os carnavais desde 1934:

Ceci amou Peri

Peri beijou Ceci

Ao som...

Ao som do Guarani

Ou ainda de *Touradas em Madri*, de Alberto Ribeiro e João de Barro, de 1938, popularizada por Carmen Miranda:

Quase não volto mais aqui

Para ver Peri

Beijar Ceci

Tudo isso mostra o quanto Alencar foi bem sucedido na criação de um dos pares que causaram mais identificação e comoção nacional.

O autor sempre quis escrever uma epopeia brasileira. Essa pretensão se realizou; tanto que, nas edições de 1959 e 1965 da José Aguilar, *O Guarani* e *As minas de prata*, escrito em 1865, foram reunidos sob o título de romance histórico, e na edição comemorativa em sete volumes da Editora José Olympio, de 1977, *O Guarani* foi classificado como “romance de formação de nacionalidade” (SCHWAMBORN, 1998, p. 79) Doris Sommer, em seu livro *Foundational Fictions: the National Romances of Latin América*, de 1991, apresenta *O Guarani* como “*foundational fiction*” na lite-

ratura latino-americana. O duplo sentido do uso da palavra “ficção” justifica, por um lado, uma tradição de literatura nacional e, por outro, classifica o livro como discurso fundador da nação (KLENGEL, 1996, p.303).

O Guarani deveria impulsionar o desenvolvimento da nação nascente. Para isso, Alencar representou no romance uma figura histórica real: o nobre português D. Antonio de Mariz, que participou da fundação da cidade do Rio de Janeiro. É nessa época, entre 1604 e 1605, que se passam os acontecimentos do romance. O fato de a estória do romance ter lugar no Rio de Janeiro também é representativo, uma vez que, no momento em que Alencar escreve, a cidade é sede do governo e capital do Brasil.

Em *O Guarani* não há grande veracidade nas informações prestadas sobre as tribos indígenas mencionadas, como atesta o próprio Alencar ao falar desse romance: “Não tinha comigo um livro; e socorria-me unicamente a um canhedo, em que havia notas o fruto de meus estudos sobre a natureza e os indígenas do Brasil” (ALENCAR, 1990, p. 59).

Com isso Alencar comete erros, por exemplo: a tribo dos guaranis não habitava o litoral do Rio de Janeiro, local onde se ambienta o romance. A tribo dos

“guaranis” foi provavelmente a escolhida por aparecer no poema de Basílio da Gama, *Uruguay*, como a mais nobre das tribos, e seus índios sendo conhecidos como bravos, nobres e destemidos. Na segunda edição, explicando o título da obra, Alencar escreve (grifado): “*GUARANI. O título que damos a este romance significa o indígena brasileiro*”.

Para a confecção dos romances subsequentes, *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), Alencar faz uma pesquisa mais detalhada, com maior preocupação com a veracidade dos fatos. No momento em que escreveu *O Guarani*, o único dicionário de idiomas indígenas brasileiros existente era o *Diccionario Portuguez e Brasileiro*, de Frei Veloso, editado em Lisboa em 1795 (SCHWAMBORN, 1987 p. 616), cuja utilização pode ser constatada em algumas notas, por exemplo, sobre a astronomia indígena e sobre a explicação do nome de Peri. Até então, mesmo os brasileiros mais instruídos tinham pouco conhecimento a respeito dos índios e das línguas indígenas.

Alencar quis criar em seus romances um idioma e uma nação brasileira independente de Portugal. Para isso é importante não apenas o uso das palavras vindas dos idiomas indígenas, mas também as suas criações,

principalmente de nomes próprios que soam como se fossem indígenas, como Iracema. E não apenas D. Antonio de Mariz é capaz de falar a língua de Peri, o guarani, descrita como melodiosa e sonora, como Peri resolve de vez o problema de comunicação no livro, aprendendo em três meses a falar o português, usando-o sempre de forma mais poética do que a dos outros personagens, como, por exemplo, na passagem em que descreve a morte de seu pai:

Era o tempo das árvores de ouro.

A terra cobriu o corpo de Ararê, e as suas armas; menos o seu arco de guerra.

[...]

Veio o dia e alumiou o campo; veio o vento e levou a cinza.

Peri tinha vencido; era o primeiro de sua tribo, e o mais forte de todos os guerreiros (ALENCAR, 1958, p. 94).

Importantes temas nos romances de José de Alencar são as questões do nacionalismo e da formação da nação brasileira através dos seus heróis nacionais, como o Guarani e Iracema. A natureza tem um papel importante em seus romances, assim como a religião católica. A própria natureza é vista também

como uma religião em si. A religião é importante para o seu propósito, pois dá a base moral e ética sobre a qual a nação pode vir a ser constituída.

Outro tema importante é o contato dos índios brasileiros com os colonizadores portugueses. O tema do “bom selvagem”, importado do movimento Romântico europeu, respondia à necessidade de encontrar uma figura representativa da nação brasileira, com força, coragem e sentimentos nobres. E nada melhor que o índio, o “nativo legítimo do Brasil” (JOBIM, 1997, p. 81), o herói puro defendendo as “suas terras” e a de seus aliados contra os invasores estrangeiros. Como Alencar observa em seu texto “Como e porque sou romancista”:

No guarani o selvagem é um ideal, que o escritor intenta poetizar, despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o ao ridículo que sobre ele projetam os restos embrutecidos da quase extinta raça (ALENCAR, 1990, p. 61).

Os livros de Alencar tornaram o romantismo acessível e interessante para os leitores brasileiros. Neles, os personagens apresentam características que demonstram a subjetividade e a individualidade da humanidade.

Alencar foi influenciado pelos romances de cavalaria e por escritores como James Fenimore Cooper (1879-1851) e François René de Chateaubriand (1768-1848). Em *O Guarani*, a forma como as situações difíceis chegam a um final feliz é constituída pelo acaso e por ações heróicas, quase além da imaginação. Para Augusto Meyer, está muito próxima da “ficção de capa espada”, a forma moderna do romance de cavalaria medieval (MEYER, 1958 p.9).

Os romances indianistas e nacionalistas de Alencar diferenciam-se dos americanos por uma questão crucial: a possibilidade de uma relação de amor entre dois personagens de culturas diferentes e uma subsequente “mestiçagem”.

Ao mesmo tempo, a união entre o índio e o português enfoca temas de hibridismo e de multiculturalismo na população. Fazendo isso, Alencar está conferindo valor (às vezes ingenuamente) àquilo que ele acreditava serem os traços mais distintivos e originais da cultura brasileira, a fusão inicial entre o índio e o português, e a natureza tropical (SÁ, 2006, p.85).

Outra grande diferença é a natureza exuberante brasileira sobre a qual o próprio Alencar escreveu:

“mas o mestre que eu tive, foi esta esplêndida natureza que me envolve, [...] e foi o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria” (ALENCAR, 1990 p. 60).

O romance descreve o encontro de duas culturas diferentes. Os bons elementos da natureza precisam trabalhar juntos com os bons elementos da civilização para eliminar o mal que os circunda e possibilitar a execução do mito fundador. Com esse intuito, nada melhor que uma história de amor como pano de fundo, para mostrar todas as formas de sentimentos humanos – bons e ruins – e sua relação com o ambiente à sua volta.

Peri, o herói de *O Guarani*, tem traços dos heróis dos romances de cavalaria, com a vitória do bem sobre o mal. Suas ações são as típicas de um nobre cavaleiro medieval – um ser ideal sem medo e sem máculas –, adaptadas ao ambiente selvagem no qual o personagem se origina. Ele é belo, forte e corajoso, com sentimentos elevados, disposto a tudo para agradar sua amada, que o estimula a realizar grandes feitos e o leva a demonstrar a faceta mais bela e nobre de seu caráter.

Além de causar alegria a Ceci e salvá-la de todos os perigos, Peri possui características especiais, capacidades e conhecimentos que os civilizados, apesar de

suas armas, não têm. É capaz de ver e de correr melhor, e de reconhecer as ameaças antes que aconteçam. Sozinho, encontra sempre um jeito de salvar não apenas Ceci, mas também outros personagens. Por exemplo, quando, para salvar a todos dos Aimorés, ele pensa em se deixar prender e ingerir o curare, um veneno poderoso dado por sua mãe, para que, ao comê-lo, os Aimorés sejam envenenados junto com ele.

Essas características, junto com sua vassalagem de amor por Ceci, o aproximam da tradição medieval hispano-portuguesa, e fazem com que os jovens leitores queiram ser como ele e que as jovens leitoras suspirem por ele. Peri é visto como o herói romântico que supera todas as dificuldades e obstáculos para ganhar a confiança, amizade e amor da pessoa idolatrada.

Alencar segue uma lógica etnocentrista, ao atribuir ao índio valores e atitudes europeias. O personagem D. Antonio de Mariz, o fidalgo português, pai da heroína Cecília, que o índio chama de *Ceci*, descreve Peri a Alvaro, a quem Cecília foi prometida em casamento, como “um cavaleiro português no corpo de um selvagem” (ALENCAR, 1958, p. 40).

Há também há uma certa “consciência de inferioridade” (JOBIM, 1997, p. 93) do indígena em face

do colonizador. Um exemplo disso é quando Peri se declara amigo de D. Antonio de Mariz:

Guerreiro Branco, Peri, primeiro de sua tribo, filho de Ararê, da nação goitacá, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo. [...] Enquanto falava, um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia (ALENCAR, 1958, p. 96).

A história conta que Peri salva seis vezes a vida de Cecília, e se torna amigo do pai dela, D. Antonio, que o convida a morar em sua casa, junto com sua família e com os aventureiros que vivem sob seu domínio.

Juntos vão enfrentar vários tipos de inimigos: um aventureiro Loredano, que trai D. Antonio, os índios canibais Aimorés que invadem a casa para vingar a morte de uma índia de sua tribo, morta involuntariamente pelo filho de D. Antonio.

O romance trata também do amor proibido entre Álvaro e Isabel, a meia irmã de Cecília, filha de D. Antonio com uma índia cujo nome não é sequer mencionado. Ela é dada como “prima de Cecília”, até que D. Antonio acaba por reconhecê-la em seu testamento. Isabel é a personificação da mestiça brasileira: E vive um amor proibido por Álvaro. (Essa relação, senão mais aceitável, era pelo menos mais plausível para a época.)

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia de indolência e vivacidade. [...] Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível (ALENCAR, 1958, p. 27).

O romance é montado sobre uma série de dicotomias: bem X mal; natureza X civilização; sentimentos santificados X sentimentos humanos, etc.

Peri se torna voluntariamente um escravo de Cecília, que aparece para ele em uma visão de forma similar a Virgem Maria.

Toda estória que tem um herói precisa de um vilão. Loredano faz esse papel. Naturalmente, ele não é originário de Portugal, nação cofundadora do Brasil, e sim italiano. Trata-se de um padre que abandonou a Igreja Católica por causa de sua cobiça. Ele manifestará desejo sexual por Cecília, assim como trairá a Coroa portuguesa ao defender a ocupação espanhola, não por nenhum sentimento pátrio, e sim por mera ganância.

A autora Lucia Helena coloca em questão a possibilidade de Peri ser visto como um herói, citando a classificação de Jurij Lotman em *The origin of plot in the light of typology* quanto à relação dos personagens com o espaço e a releitura que dela faz Teresa de Lauretis:

De acordo com Lotman, haveria apenas dois personagens, o herói e o obstáculo ou limite. O primeiro pode ser representado como um sujeito mítico. Esse sujeito mítico pode mover-se através do espaço-trama estabelecendo diferenças e normas, ou seja, fundando instituições culturais. O outro personagem, por exemplo, Iracema e também Peri, seria apenas uma função daquele espaço, um marcador de limite e, portanto, sempre inanimado. Lauretis vai além, dizendo que o herói, no texto mítico deve ser masculino (LUCIA HELENA, 1998, p.21).

E completa com a citação de um trecho de *O Guarani* (ALENCAR, 1964, v.2, p.261-2) no qual o narrador afirma:

No meio de homens civilizados, era um índio ignorante, nascido de uma raça bárbara a quem a civilização repelia e marcava o lugar de cativo. Embora para Cecília fosse um amigo, era apenas um amigo **escravo** (LUCIA HELENA, 1998, p. 23).

O grifo é da autora, que chama a atenção para uma outra passagem de Alencar (1964, v. 2, p. 262):

Aqui [na floresta], porém, todas as distinções desapareciam; o filho das matas, voltando ao seio de sua mãe, recobrava a liberdade; era o rei do deserto, o senhor das florestas, dominando pelo direito da força e da coragem (LUCIA HELENA, 1998, p. 23).

Lucia Helena vê o fato de Alencar identificar Peri com o espaço que o circunda como um fator restritivo para classificá-lo como um herói, e aponta nessa parte do texto a rejeição da sociedade da época em face do problema da mestiçagem. Realmente o problema existia, e Alencar era consciente dele, tanto que não

querendo chocar suas leitoras dos “círculos femininos da sociedade fina”, ele coloca o seguinte final:

A cúpula da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flor da água como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vegetações aquáticas.

Peri estava de novo sentado junto de sua senhora quase inanimada; tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

- Tu viverás!...

Cecilia abriu os olhos, e vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gôzo da vida eterna.

- Sim?... murmurou ela; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daqueles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

-Sobre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado do que os adoram. Nós iremos lá Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre!...

Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos

rubores e lípidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando vôo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte.

FIM DA QUARTA E ULTIMA PARTE (ALENCAR, 1958, p. 306).

Esse epílogo, logo depois de Peri ter contado a Ceci a “Lenda de Tamandaré”³ – o Noé indígena, que, por ocasião do dilúvio, escapara no olho de uma palmeira, para depois povoar a terra –, deixa no ar para o leitor que Peri e Ceci escaparam da grande tempestade, justamente com a finalidade de gerar os próximos “herdeiros da terra” e fundar a nação brasileira, que se distinguia da europeia, desde o relato dos primeiros cronistas pela figura do índio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os herdeiros desse índio o “bom selvagem” que se tornou cristão, que era o filho de um chefe indí-

³ Na última nota de *O Guarani*, Alencar refere-se a essa lenda como sendo da tradição oral. Schwamborn (1998 p. 92) lembra que ela foi narrada longamente por Simões de Vasconcelos – a quem Alencar cita apenas de passagem – e que Gonçalves de Magalhães já a havia mencionado no 4º Canto da *Confederação dos Tamoyos* e explicado em nota.

gena, uma espécie de “infante” de um mundo que ele abandona para servir sua senhora; a moça branca, nobre, comparada à Virgem Maria, só poderia gerar o melhor: o futuro de uma nação baseada no melhor da civilização e da barbárie. Pois ambos se vêem como partes desse país. Mesmo a “moça civilizada”, diz a seu próprio respeito: “Eu também sou filha desta terra; também me criei no seio desta natureza. Amo êste belo país!...” (ALENCAR, 1958 p. 300)

Contemporâneos de Alencar, como Araripe Junior e Machado de Assis, veem nesse final poucos sinais da realidade histórica. Mas, para o primeiro, é esse final sugerido em cores tênues que dá “a magia do Guarany”. E, para o segundo, na introdução que escreve para a edição de *O Guarani* de 1887, é “uma obra em que palpita o melhor da alma brasileira” (SCHWAMBORN, 1998, p. 373).

Assim volto ao conceito de Lotman e afirmo que Ceci e Peri são os heróis míticos de fundação de uma nação e de uma literatura brasileira, pois, juntos, estabeleceram diferenças e normas fundando instituições culturais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *O Guarani*: romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Instituto Nacional do Livro, 1958.

ALENCAR, José de. *Ficção completa e outros escritos*. 3 volumes. v. 2. Romance Histórico e lendas Indianistas. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Adaptação ortográfica Carlos de Aquino Pereira. Campinas, SP: Pontes, 1990. p. 58- 64

AMORA, Antonio Soares. *O Romantismo (1833-38/1878-1881)*. A Literatura Brasileira, São Paulo: Cultrix, 1973. v. 2, p. 241-282.

CAVALCANTI-PROENÇA, M. *José de Alencar na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JOBIM, José Luís. Indianismo e raça na cultura do Romantismo. *Cadernos do IL Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n.1, p. 81-98, dez. 1989.

KLENGEL, Susanne. Mythos der Symbiose – schockierende Alterität: Bilder des Indios bei José de Alencar und Darcy Ribeiro. In: BRIESEMEISTER, Dietrich/ROUANET, Sérgio Paulo (org.). *Brasilien im Umbruch: Akten des Berliner Brasilien-Kolloquiums von 20-22 September 1995*. Série Biblioteca Luso-Brasileira. Frankfurt am Main: TFM, 1996. p. 303-307.

LUCIA HELENA. Alencar, o discurso fundador e os pactos de nacionalidade. *Revista Miscelânea*, Assis, v. 3, p. 17-25, 1998.

MEYER, Augusto Nota preliminar In: ALENCAR, José de. *Ficção completa e outros escritos*. 3 volumes. v. 2. Romance Histórico e lendas Indianistas. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. p.7-25.

PROENÇA, M. Cavalcanti. José de Alencar na Literatura Brasileira. In: SCHWAMBORN, Ingrid *Die brasilianischen Indianerromane “O Guarani”, “Iracema”, “Ubirajara” von José de Alencar. Bonner romanistische Arbeiten*. Bd. 22. Frankfurt am Main; Bern; New York; Paris: Lang, 1987. p. 590.

SÁ, Daniel Serravalle de. *Gótico Tropical: O sublime e o demoníaco em O Guarani*. 2006. 85 f. Dissertação (Mestrado em Liguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SCHWAMBORN, Ingrid. *Die brasilianischen Indianerromane “O Guarani”, “Iracema”, “Ubirajara” von José de Alencar. Bonner romanistische Arbeiten*; Bd. 22. Frankfurt am Main; Bern; New York; Paris: Lang, 1987.

SCHWAMBORN, Ingrid. *O Guarani era um Tupi? Sobre os Romances Indianistas: O Guarani, Iracema e Ubirajara de José de Alencar*. Tradução: Carlos de Almeida Pereira. Fortaleza: Casa de José de Alencar, Programa Editorial, 1998.

TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle, José de Alencar. In: TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle. *Reminiscências*. 2. ed., Rio de Janeiro: F. Alves, 1923. p. 81-227.

Artigo recebido em: 30/07/2010

Aprovado para publicação em: 23/08/2010